



DVD  
Material  
Educativo  
para  
Professor  
Propositor

BR80: PINTURA BRASIL  
DÉCADA 80



DVDteca



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Shirlene Vila Arruda - Bibliotecária)**

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

BR80: pintura Brasil década 80 / Instituto Arte na Escola ; autoria de Sílvia Sell Duarte Pillotto ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2010.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor;propositor ; 161)

Foco: CT-B-31/2010 Conexões Transdisciplinares  
Contém: 1 DVD ; Biografias; Glossário ; Bibliografia  
ISBN 978-85-7762-037-1

1. Artes - Estudo e ensino 2. Pintura - Brasil 3. Década de 1980 4. Abstracionismo I. Pillotto, Sílvia Sell Duarte II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

**MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA**

**Organização:** Instituto Arte na Escola

**Coordenação:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Projeto gráfico e direção de arte:** Oliva Teles Comunicação

**MAPA RIZOMÁTICO**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Concepção:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Concepção gráfica:** Bia Fioretti

**BR 80: PINTURA BRASIL DÉCADA 80**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Autor deste material:** Sílvia Sell Duarte Pillotto

**Revisão de textos:** Nelson Luis Barbosa

**Padronização bibliográfica:** Shirlene Vila Arruda

**Diagramação e arte final:** Jorge Monge

**Autorização de imagens:** Cesar Millan de Brito

**Fotolito, impressão e acabamento:** Indusplan Express

**Tiragem:** 200 exemplares



DVD

BR80: PINTURA BRASIL DÉCADA 80

## Ficha técnica

**Gênero:** Documentário.

**Palavras-chave:** História do Brasil; pintura; arte contemporânea; Geração 80; temática figurativa; abstrata; ruptura de suporte.

**Foco:** **Conexões Transdisciplinares**

**Tema:** Reflexões sobre a produção pictórica brasileira da década de 1980.

**Personalidades abordadas:** Ana Horta, Emmanuel Nassar, Leda Catunda, Leonilson, Jorge Guinle, Nuno Ramos, entre outros.

**Indicação:** A partir do 6º ano do Ensino Fundamental.

**Nº da categoria:** CT-B-31

**Direção:** Roberto Moreira.

**Realização/Produção:** Instituto Itaú Cultural, São Paulo.

**Ano de produção:** 1991.

**Duração:** 11'.

**Coleção/Série:** *Aspectos da cultura brasileira.*

## Sinopse

Década de 1980: o novo na produção artística era fazer pintura. Os olhares e os pincéis dos artistas da Geração 80 estão voltados para a pesquisa de suportes e temas que reflitam a vida urbana, agora mergulhada na comunicação de massa. A educação estética, herança do acadêmico e do moderno, não interessa nesse momento. Grandes dimensões marcam essa trajetória, o artista pede mais espaço para mostrar cores que escorrem e matérias carregadas que provocam texturas intensas. São imagens de uma sociedade em transformação - a cena artística dos anos 1980: conceitos estéticos que querem aproximação entre vida e arte.

## Trama inventiva

Ponto de contato, conexão, enlaçado em *Os olhos da Arte* com um outro território provocando novas zonas de contágio e reflexão. Abertura para atravessar e ultrapassar saberes: olhar transdisciplinar. A arte se põe a dialogar, a fazer contato, a contaminar temáticas, fatos e conteúdos. Nessa intersecção, arte e outros saberes se alimentam mutuamente, ora se complementando, ora se tensionando, ora acrescentando, uns aos outros, novas significações. A arte, ao abordar e abraçar, com imagens visionárias, questões tão diversas como a ecologia, a política, a ciência, a tecnologia, a geometria, a mídia, o inconsciente coletivo, a sexualidade, as relações sociais, a ética, entre tantas outras, permite que na cartografia proposta se desloque o documentário para o território das **Conexões Transdisciplinares**. Que sejam estas então: livres, inúmeras e arriscadas.

## O passeio da câmera

Em 1991, o Itaú Cultural desenvolve intensa programação sobre a pintura brasileira da década de 1980, realizando nove exposições regionais sediadas nas cidades de Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande, Fortaleza, Goiânia, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Vitória, nas quais foram exibidas obras dos principais artistas emergentes daquele período. Com o intuito de registrar essa produção pictórica e sobre ela refletir é elaborado o documentário *Br80: pintura Brasil década 80*.

O documentário, com narração de Edith Siqueira e trilha sonora de Livio Tragtenberg, apresenta uma série de imagens de obras de arte que dançam em ritmo de formas e cores. Edith narra que a década de 1980 é o momento em que a pintura abandona o silêncio solene dos museus, descendo as ruas, em meio à música urbana, acompanhada dos sons dos automóveis e ruídos. Imagens perpassam e atravessam o documentário num ritmo intenso, repetitivo e incessante. Sons, imagens e narrativas dialogam durante a trajetória, instigando nosso olhar para as inserções do cotidiano urbano e quase avassalador da década

de 1980. A narração afirma que do mesmo modo que o rock contribuiu para a transgressão de uma geração, os pintores da Geração 80 de certa forma romperam com o ideário estético, dedicando-se ao prazer da experiência com sua arte.

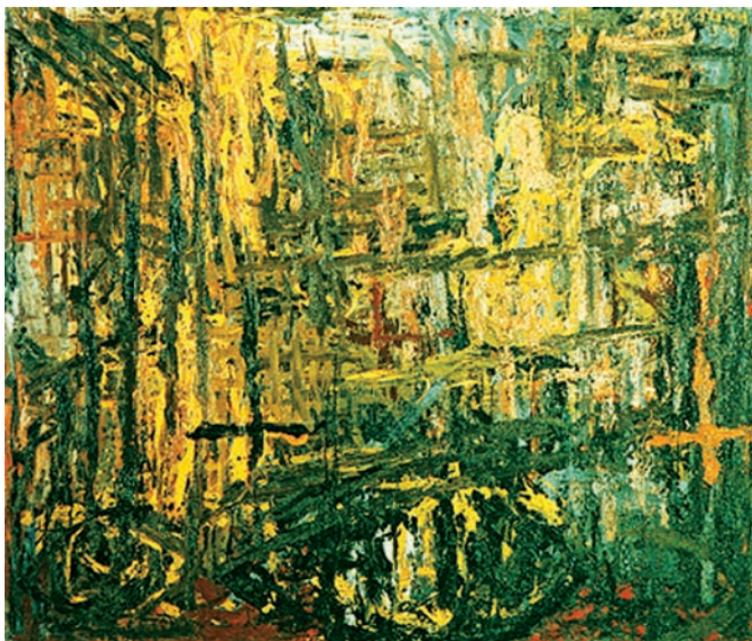
Em continuidade, o documentário focaliza as tendências figurativas da Geração 80, enfatizando figuras e cenas urbanas como fontes inspiradoras. As pinceladas são carregadas e os movimentos seguem em várias direções. É o fim da barreira estética promovendo a junção de vários estilos, muitas vezes indecifráveis. As imagens parecem estranhas aos olhos de quem as vê e a realidade é recontada por meio do humor e da ironia. O imaginário faz-se presente como forma de amenizar um processo de desumanização, característico desse período em que a política, a economia e os processos sociais e culturais estão em plena ebulição. Por último, são focalizadas as tendências abstratas da Geração 80 que, ao consagrar o gesto, liberta a ação. A tela é um território vivo e a pintura pensa a si mesma e se renova.

O documentário se faz visualidade para investigação dos territórios de: **Conexões Transdisciplinares** e **Linguagens Artísticas** focalizando a pintura. Além desses, *Saberes Estéticos e Culturais* enfatizam a arte contemporânea, a Geração 80; *Forma-Conteúdo* trata da figuração, abstração, repetição e a *Materialidade* problematiza a ruptura de suporte.



## Os olhos da Arte

Durante a década de 1980, tanto no circuito da arte internacional como no Brasil, o novo na produção artística é fazer pintura. Essa nova fase artística recebe várias denominações: Na Itália, a Transvanguarda, cujo porta-voz é o crítico de arte Achille Bonito Oliva, é representada principalmente pelos artistas Mimmo Paladino, Francesco Clemente, Sandro Chia; Neoexpressionismo na Alemanha, Holanda e Bélgica, com os artistas Georg Baselitz, Markus Lüpertz, Anselm Kiefer e os neoexpressionistas da vertente americana Eric Fischl, Julian Schnabel, Jeff Koons, David Salle.



**Nuno Ramos – *O duelo*, 1985**  
óleo sobre tela, 190 x 220 cm  
Gabinete de Arte Raquel Arnaud, São Paulo/SP



**Ana Horta – *O casal*, 1985**  
acrílica sobre tela, 163 x 235 cm

Nessa revalorização da pintura, a linguagem passa a ser concebida a partir de novos pressupostos: ultrapassar limites da moldura do quadro com grandes formatos e cores atrativas; escolher entre múltiplos materiais e técnicas; usar objetos do cotidiano adotados como suporte pictórico da obra; gestualidade; figurativismo e expressionismo. **Jovens pintores transitam constantemente entre a tradição da história da arte e os fragmentos do mundo atual, realizando uma pintura híbrida e contínua.**

No Brasil, a pintura dessa década é rapidamente incorporada pelas instituições de legitimação da arte, sob o rótulo de Geração 80, avalizada por críticos do período que enfatizavam seu caráter emocional em detrimento da frieza das linguagens conceituais e minimalistas que estiveram em evidência ao longo dos anos 1960 e 1970.

De repente, uma geração inteira de jovens artistas redescobre o prazer da pintura. Mas por quê? Para o artista Ricardo Basbaum (2001, p. 301):

Diferenciando-se do artista experimental dos anos 60, entretanto, o artista oitentista restringe, deliberadamente, seu espaço de atuação para o espaço simbólico da tela, rematerializando o objeto e admitindo a manipulação de linguagens formais, o que demonstra uma alteração na matriz ambiental instauradora da sensibilidade vivencial-corpórea da arte experimental: se antes esta matriz era construída pela integração (superposição) da paisagem interna do indivíduo com a paisagem física exterior (materiais reais, espaço real), agora ela será gerada a partir da superposição da paisagem interna do artista com a superfície pictórica, configurando um território da imagem. Tais imagens originam-se a partir de duas fontes principais: imagens preservadas pela tradição (história da arte, arte popular, banco de dados) e imagens que compõem o meio urbano contemporâneo (indústria, mass media).

Preponderantemente culturais, as imagens da nova pintura dialogam com imagens do ambiente físico (urbano-industrial). Para Basbaum, esse caráter de diálogo ambiental é ressaltado “pela maciça presença do suporte, pelo padrão decorativo ou pela utilização de uma figuração narrativa – e, em um plano mais aprofundado, como resultado da equação vivencial corpo-imagem-superfície”. **A prática experimental dos anos 1960 amplia-se na sensibilidade expandida, plurissensorial do pintor dos anos 1980.**

O grupo de artistas da Geração 80 rejeita o conceito de pintura como “a grande obra”, imaculada e em posição de destaque na sociedade. Eles desejam vivenciar a pintura como ato de experimento/laboratório, incrementado muitas vezes pelas novas tecnologias. Buscam a interação com imagens do cotidiano, da história da arte, com suportes, materiais bi e tridimensionais alternativos e técnicas variadas. Por meio dessas experiências procuram subverter seus sentidos, acrescentando em suas produções elementos subjetivos e irônicos.

Dois grandes tendências marcam a pintura dos anos 1980: a figurativa e a abstrata. A primeira enfatiza produções em que a deformação das formas e a caricatura ganham destaque. A linguagem torna-se confusa, turbulenta e, às vezes, indecifrável. As pinceladas são carregadas e os movimentos transitam em várias direções. Telas enormes, com imagens e visões submersas são acompanhadas da gradativa transformação de um mundo visível para o da fragmentação. A tendência abstrata consagra a gestualidade como ponto de partida para a criação. Vibram linhas, cores, monocromias, superfícies, numa dança incansável que sinaliza para a grande intimidade entre o pintor e a obra criada. E como epiderme, a superfície varia de espessura, de textura, de cores e formas... São camadas de tintas sobrepostas, intercaladas, arranhadas, rasgadas pelas mãos do artista. A abstração cria caminhos delicados, e por vezes separa-se do mundo.

Para Daniela Name (2004, p. 17):

As pinturas de grandes formatos usam o corpo inteiro como ferramenta. E parecem buscar a aproximação com um outro corpo, o do espectador, que é envolvido por estas obras monumentais através do olhar e da aproximação destas peças com a arquitetura. Outra questão importante para o período é a presença do corpo como matéria construtiva de cada peça – a transformação da pintura, ela mesma, num corpo. Isso acontece pela sobreposição de camadas e mais camadas de tinta (Jorge Guinle, Fernando Lucchesi) ou de imagens decalcadas sobre a superfície da tela (Beatriz Milhazes), mas também pela utilização de suportes diferentes da tela esticada sobre o *chassis*, como lençóis e fronhas bordados (Leonilson), casacos, cobertores e formas estufadas (Leda Catunda) ou até carros (Sérgio Romagnolo) e móveis inteiros pintados (Alex Flemming).

A pintura dos anos 1980 se faz linguagem cruzando as fronteiras entre o construtivo e o simbólico, remetendo a imagens envoltas em símbolos primitivos e signos heráldicos. Essa linguagem pictórica pode ser considerada um marco referencial para as manifestações artísticas e estéticas presentes na produção contemporânea.

## O passeio dos olhos do professor

O documentário aborda a ruptura de alguns aspectos da linguagem da pintura na década de 1980, ampliando outras possibilidades de manifestações expressivas para além do suporte e dos espaços pictóricos. Os conceitos se transformam e a ideia da obra sacralizada dá vez à experimentação, ao diálogo com outras linguagens e outras dimensões artísticas. O professor poderá acompanhar esse documentário anotando em seu diário de bordo questões significativas para seu aprendizado, bem como possibilidades de discussões reflexivas e construções poéticas para a sala de aula.

Quais são suas impressões sobre o documentário?

- O que o documentário mostra sobre a linguagem da pintura que você desconhecia?
- Quais são os artistas presentes no documentário que você conhece ou já ouviu falar?
- De que modo o documentário aborda as novas tecnologias nas experiências pictóricas dos artistas na década de 1980?
- Sobre a relação entre o contexto sociocultural e as transformações na arte, o que revela o documentário?
- Quais aspectos da linguagem da pintura apresentados no documentário você percebe que também estão presentes na produção da atualidade?
- Qual parte do documentário interessaria mais aos alunos? Por quê?
- A partir do documentário, de que forma você poderia abordar as questões da linguagem da pintura em sala de aula?

Suas anotações, durante ou após a exibição, podem revelar modos singulares de analisar o documentário e marcam o início de seu diário de bordo como um instrumento para o seu pensar pedagógico para a melhor utilização desse documentário junto aos seus alunos.

## Percursos com desafios estéticos

São vários os desafios estéticos para o aprendizado do professor e dos alunos. A partir do documentário e do mapa potencial é possível pensar em possibilidades transdisciplinares fazendo conexão com a política e o contexto cultural dos anos 1980; investigando conceitos sobre arte contemporânea, artista e sociedade e a Geração 80 com relação aos *Saberes Estéticos e Culturais*; adentrando o foco *Forma-Conteúdo*, desenvolvendo experiências a partir de temáticas figurativas e abstratas e enfatizando as poéticas da materialidade e a ruptura do suporte, questões bastante discutidas no documentário.

## O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

- ☉ O que é pintura para os alunos? Antes da exibição do documentário, conversando e provocando os alunos a expressarem seus pontos de vista, o que eles revelam sobre suas concepções de pintura? O importante nessa conversa não é o julgamento sobre o que pensam, mas um aquecimento de ideias que os prepare para a exibição do documentário. Após a exibição, o que surpreende os alunos? Quais conexões eles percebem com os pontos de vista que expressaram sobre a questão inicial?
- ☉ Antes da exibição do documentário, ofereça para leitura dos alunos um fragmento de um texto crítico em *Crônicas de amor à arte*, escrito em 1983 por Frederico Moraes (1995, p. 8):

(...) Pintar não é necessariamente usar o pincel, trabalhar nos limites da moldura. É um ato de escolha, e isto tanto pode levar o pintor

à lata de lixo como à loja de retalhos de seu Nagib ali na esquina. A pintura feita sobre tecidos perfeitamente banais, desses que são empregados para fazer calças, barracas de praia. E sobre estes novos tecidos ou sobre grandes telas sem chassis ou molduras, uma figuração elétrica, moderna, fragmentada, implosiva. Puro registro visual (...)

- ☉ Como eles interpretam o fragmento? O que causa estranhamento? Com a leitura e a conversa sobre o fragmento lido, o que eles gostariam de saber mais sobre a linguagem da pintura? Ao ver o documentário, como os alunos percebem a pintura no trabalho dos artistas? Quais associações eles fazem com a leitura do fragmento? Que novas questões eles interrogam após a exibição?
- ☉ Quais imagens de artistas da Geração 80 você levaria para a sala de aula? A leitura de algumas imagens pode gerar uma boa conversa. A análise de obras figurativas e abstratas pode preparar os alunos para que vejam o documentário e pensem em possibilidades de estudo e produções a partir dele.

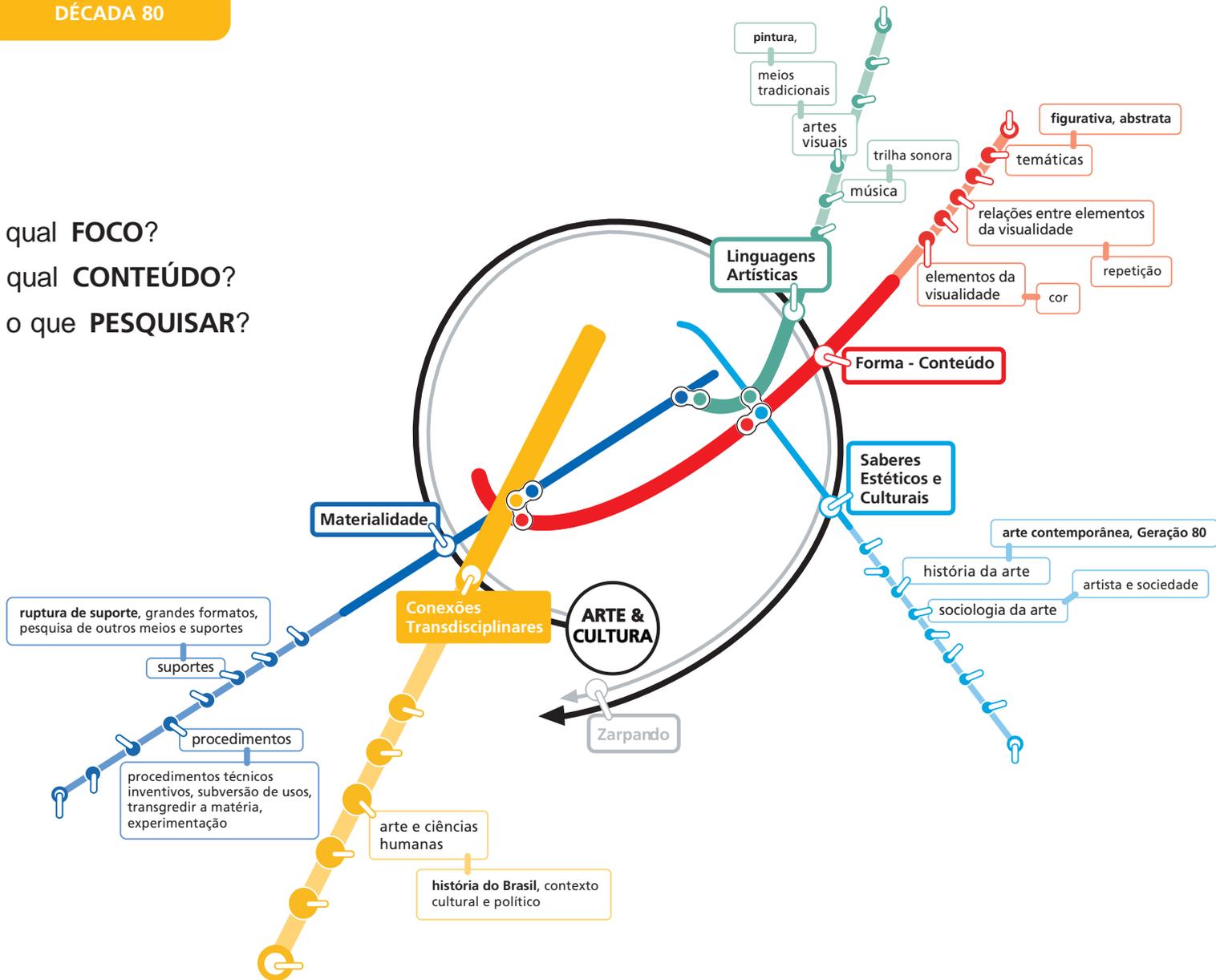
## Desvelando a poética pessoal

O pensamento dos artistas da Geração 80 sobre a linguagem da pintura, a atitude lúdica e menos cerebral, a gestualidade do corpo exposta nos grandes formatos, a ruptura do suporte tradicional, a apropriação e a citação de imagens da história da arte, da cultura de massa podem impulsionar a escolha dos alunos para a produção de uma série de trabalhos.

Uma pesquisa sobre materiais e suportes diversos pode ser iniciada. Os alunos podem trazer para a sala de aula caixas, papelão, pedaços de madeira, tecido como lona, entre outros. Promovendo uma conversa com os alunos, há afetos, sentimentos, alegrias, lembranças, situações, desejos, medos em relação a esses materiais? Que associações eles fazem? Quais cores, texturas e formas, a partir da pesquisa e da conversa, eles imaginam que podem dialogar com esses materiais?

Mapa potencial  
BR 80: PINTURA BRASIL  
DÉCADA 80

- qual **FOCO?**
- qual **CONTEÚDO?**
- o que **PESQUISAR?**



Um procedimento importante é pintar de branco o suporte como uma base para o trabalho. Para isso, utilize tinta branca de PVA para pintura de parede, por ser mais econômica. Com a base pronta, os alunos podem iniciar a pintura com brochas, pincéis largos e mesmo pequenos rolos, esponjas ou usando os dedos, com a mesma tinta, agora colorida com pigmentos (pó Xadrez ou similares). O importante é que percebam as possibilidades da superposição e permitam a liberdade do gesto.

## Ampliando o olhar

- O termo Geração 80 surge por ocasião da exposição realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), no Rio de Janeiro, em julho de 1984: *Como vai você, Geração 80?*. A produção e os artistas que participaram dessa exposição fazem parte do documentário *Tela s/ tinta (Geração 80)*, disponível na DVDteca Arte na Escola. A exibição desse documentário oferece aos alunos: a ampliação do olhar sobre o processo de criação de alguns dos artistas e a percepção sobre a Geração 80 como um marco para a arte brasileira por ser um reflexo do momento político que estava sendo vivido ou superado, já que se trata da pós-ditadura.
- Uma pesquisa sobre a tinta – soma de um pigmento e um aglutinante – pode levar seus alunos a um instigante diálogo com a matéria da pintura. A investigação de pigmentos retirados da natureza (barro, areia, raízes, sementes, vegetais, entre outros) e de diferentes aglutinantes como água, cola branca, goma arábica, cola de farinha ou tinta látex pode gerar a fabricação de cores e a pesquisa de variados suportes. Pode-se também engrossar a tinta guache, tornando-a mais pastosa, colocando um pouco de leite em pó e algumas gotas de vinagre ou desinfetante.
- Diferentes construções poéticas na linguagem da pintura podem ser em papel A4, tintas e pincel. O professor pode solicitar aos alunos que fotografem ou fotocopiem as suas construções poéticas, trabalhando com os fragmentos das

imagens. Nesse momento, pode-se retomar o documentário no ponto em que aborda questões relacionadas a desfiguração e fragmentação na linguagem da arte.

- ☉ A trilha sonora para o documentário foi produzida pelo músico e compositor experimental Livio Tragtenberg, nascido em São Paulo em 1961. Ele escreve música para teatro, vídeo, cinema, instalações e trilhas sonoras, além de obras instrumentais, sinfônicas, eletroacústicas e também ópera. Quais imagens os alunos podem produzir ouvindo a trilha sonora criada por Tragtenberg para o documentário? A música interfere em suas produções? De que modo? A análise das produções dos alunos pode gerar uma boa conversa sobre as relações entre linguagens e novas pesquisas.

## **Conhecendo pela pesquisa**

- ☉ Os seus alunos já viram uma pintura a óleo sobre tela? A pesquisa na própria escola e na comunidade pode levá-los a se aproximar da linguagem da pintura. Você pode também levar uma tela e algumas bisnagas de tinta a óleo para que percebam a diferença entre as várias tintas. O que mais gostariam de pesquisar sobre a pintura?
- ☉ O que os alunos podem descobrir sobre a pintura pesquisando: a Transvanguarda, na Itália, representada principalmente pelos artistas Mimmo Paladino, Francesco Clemente, Sandro Chia; o Neoexpressionismo, na Alemanha, Holanda e Bélgica, com os artistas Georg Baselitz, Markus Lüpertz, Anselm Kiefer, e os neoexpressionistas da vertente americana Eric Fischl, Julian Schnabel, Jeff Koons, David Salle. O resultado da pesquisa pode gerar um mural que proponha uma comparação com as obras dos artistas brasileiros.
- ☉ O movimento cultural brasileiro na década de 1970 e na primeira metade dos anos 1980 conviveu com um sistema político ditatorial instalado no país em 1964 pelos militares. No início da década de 1980, o Brasil vivenciou uma experiência marcante com o movimento das Diretas-Já e passou

por um período de euforia e adaptação à democracia que se instalava. Por que ocorreram esses acontecimentos? Como esses acontecimentos influenciaram as atitudes culturais no Brasil? Proponha uma pesquisa sobre o assunto, com a parceria do professor de História, partindo de reportagens de jornais da época que podem ser coletadas em livros didáticos de história ou na internet. O que os alunos descobrem sobre as raízes política e cultural da década de 1980 no Brasil?

- ☉ Ana Horta, Jorge Guinle, Nuno Ramos, Leonilson, Emmanuel Nassar, Leda Catunda são artistas presentes no documentário, que começaram a aparecer nos anos 80? Uma pesquisa interessante é a investigação sobre o percurso de experimentação desses artistas. O que a pesquisa pode revelar aos alunos?

## **Amarrações de sentidos: portfólio**

Tão importante quanto os processos de ensino e aprendizagem é o momento da articulação dos conteúdos/conceitos tratados pelo professor para que os alunos possam compreender seus processos vividos e o sentido desses conteúdos para a sua vida cotidiana. Nesse sentido, o portfólio provoca situações de aprendizagem e a procura de novas buscas para o conhecimento. Para McAfee e Leong (1997) o portfólio é um espaço em que são agregados de forma intencional documentos (fotos, escritos, desenhos, textos, entrevistas, entre outros) que são evidenciados num tempo determinado. É também um meio de documentar e celebrar o que o aluno sabe e o que pode e deseja fazer. Frases dos alunos, como: não sou capaz, não sei fazer e/ou não desejo fazer, com o portfólio, podem mudar para: eu posso e desejo, como diz Collins (1998). A partir dessa perspectiva e do documentário, o professor pode sugerir aos alunos que sistematizem seus aprendizados em suporte (caixas, pastas, vídeo...) registrando sua trajetória de aprendizagem, tendo como referência os conteúdos abordados e suas vivências.

 **Valorizando a processualidade**

Compreender e valorizar seus próprios processos de aprendizagem é fundamental para que o professor possa repensar suas ações, ressignificando seu planejamento. Para isso é imprescindível que o professor também registre seus processos. Nessa perspectiva, dois aspectos são importantes: a) um olhar apurado sobre os processos de aprendizagem dos alunos: o que dos processos de aprendizagem foi mais significativo para os alunos e por quê? Quais os avanços? E o que faltou, que poderia ser resgatado em outro momento para essa turma ou até mesmo para outras turmas?; b) um olhar sobre seus próprios processos de aprendizagem (professor): o que aprendi com o documentário e com o desenvolvimento do projeto? O que abordei no planejamento a partir do documentário para além do que os alunos já sabiam? O que ainda não abordei sobre o documentário que os alunos desejariam saber? Quais outras questões o documentário sinaliza e que faltaram no desenvolvimento das aulas? Quais novas ideias nesse processo podem ser desenvolvidas em outros projetos? Essas indagações podem contribuir para que o professor redimensione o seu planejamento.

 **Personalidades abordadas**

**Ana Maria Horta** de Almeida (Bom Despacho/MG, 1957 - Belo Horizonte/MG, 1987) – Graduada em Belas Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde fez especialização em Gravura em Metal. Professora, pintora, gravurista e desenhista, Ana tem uma pintura extremamente livre e solta, que sai da figuração tradicional e chega à abstração mais radical, que é a informal.

**Emmanuel Nassar** (Capanema/PA, 1949) – Autodidata, começou na pintura trabalhando com acrílica sobre tela. Depois desenvolveu técnicas como o relevo sobre madeira. Graduiu-se em Arquitetura pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em 1974, onde também, a partir dos anos 1980, tornou-se professor de Educação Artística. Pintor, desenhista e arquiteto, sua arte participa dos movimentos figurativo e construtivo. Nassar sempre chamou atenção pela delicadeza e interesse com que se volta ao que há de banal e humilde no mundo. Nassar é o poeta do precário, do cambaio, da gambiarra,

da solução imaginativa e do desenho esconso, que surpreende pelo vigor com que aos nossos olhos atualiza nosso desejo atávico de expressão diante da infinita riqueza do mundo.

**Jorge Guinle Filho** (Nova York, Estados Unidos, 1947-1987) – Pintor, desenhista e gravador. Muda-se com a família para o Brasil ainda no ano de seu nascimento e permanece no Rio de Janeiro até 1955. Desse ano até 1962, acompanhando a mãe, mora em Paris, onde em paralelo à sua formação regular inicia, como autodidata, estudos de pintura e frequenta museus e galerias de arte, prática que mantém quando se transfere para os Estados Unidos. O traço forte de gestos largos e precisos marca a obra desse artista.

José **Leonilson** Bezerra Dias (Fortaleza/CE, 1957 – São Paulo/SP, 1993) – Parte de sua cidade natal, aos quatro anos de idade, rumo a São Paulo em 1961. Torna-se aluno de Regina Silveira, Julio Plaza e Nelson Leirner no curso de licenciatura em Artes Plásticas, pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), no qual ingressa em 1977 e abandona em 1980. Monta um ateliê em parceria com Luiz Zerbini e inicia sua participação em importantes exposições. Leonilson soube inovar na pintura, sendo o primeiro artista brasileiro a retirar o chassis de proteção de suas telas. Considera importante a expressão, não o suporte. Se uma tela se rasgasse, bastava costurá-la. Essa atitude atesta sua visão dessacralizada do objeto artístico.

**Leda Catunda** (São Paulo/SP, 1961) – Durante o curso de Artes Plásticas, convive com mestres como Walter Zanini, Nelson Leirner, Regina Silveira e Julio Plaza. e realiza, em 1983, sua primeira exposição, Pintura como meio, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP). Formada em 1984, a artista se interessa pela banalização das imagens, muitas vezes estereotipadas, sem autoria identificada, como também por sua desconstrução, usando vedações para encobrir parte das imagens, criando um novo diálogo com formas e matérias. As relações puramente narrativas dos primeiros trabalhos vão sendo alteradas. As figuras passam a ser destacadas com a pintura do fundo, na constante discussão figura-fundo. A busca constante por novos suportes, por materiais não convencionais faz que objetos caseiros ganhem nova dimensão. Nas assemblages, lida com o óbvio, com imagens previsíveis, porém de forma inusitada, por exemplo, ao sobrepor vestidos, camisetas e meias. Em seu percurso de experimentação, atém-se às formas construídas com tecidos, colchas, edredons e similares, encontrando a “espessura” e a “densidade”, entre os limites da pintura e do objeto, do bi e do tridimensional, pela força da materialidade dos suportes utilizados.

**Nuno Ramos** (São Paulo/SP, 1960) – Escultor, pintor, desenhista, gravador e ilustrador. Nuno Álvares Pessoa de Almeida Ramos começa com a pintura, influenciado pelo neexpressionismo. Formado em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) em 1982, funda, um ano, depois o ateliê Casa 7, com

Paulo Monteiro, Rodrigo Andrade, Carlito Carvalhosa e Fábio Miguez, que atua até 1985. Poemas, letras de música, matérias de jornais e trechos de livros incorporam sua produção plástica, apresentada em importantes exposições nacionais e internacionais. Tem também uma produção literária: *Cujo* (1993), com fragmentos de poema; *O pão do corvo* (2002); *Balada* (1995), um livro-obra com 900 páginas em branco perfuradas por uma bala que se encontra no seu interior. Quando começa a dominar demais um mesmo material, parte para outro, descobrindo as potencialidades da natureza de cada material.

## Glossário

**Chassis** – Chassis, caixilhos ou bastidor é a armação de madeira encaixada, sobre a qual o tecido é estendido e nela fixado por tachas inoxidáveis. As réguas, que constituem o chassis são chanfradas em sua face interna para que o tecido não cole sobre a madeira ao ser-lhe aplicado o fundo. A fixação da tela aos chassis, embora seja uma operação simples, deve, a rigor, obedecer a algumas recomendações, sobretudo para evitar distorções. Os fios da trama e da urdidura devem correr paralelos às réguas dos chassis. Sua fixação com tachas também deve obedecer à regra segundo a qual parte-se do centro das réguas dos chassis para suas extremidades, colocando-se os pregos a distâncias regulares, simultaneamente, em seus quatro lados. A seguir, o tecido é isolado com um fundo ou base. A função do fundo é proteger o tecido da ação dos óleos, a fim de preservá-lo contra a oxidação, que virá destruir a celulose. Fonte: SERVIÇO Brasileiro de Respostas Técnicas. Disponível em: <<http://sbrtv1.ibict.br/upload/sbrt6210.pdf?PHPSESSID=17075ca5f2eb3c0767bff70387cee3ae>>. Acesso em: ago. 2009.

**Geração 80** – Designação para classificar um grupo de jovens artistas, quase todos do eixo Rio-São Paulo, que praticaram a arte pictórica utilizando geralmente o papel como suporte, abundância de cores brilhantes e muita liberdade de expressão. Ao contrário das gerações anteriores dos anos 1960 e 1970, não lançaram manifestos nem postularam plataformas sociais, apenas produziram sem se preocupar com rótulos. Em 14 de julho de 1984, na Escola de Artes Visuais do Parque Laje (EAV), Rio de Janeiro, ocorreu a abertura de uma mostra intitulada “Como vai você, Geração 80?”, tendo como curadores Sandra Magger, Paulo Roberto Leal e Marcus de Lontra Costa. O diretor da Escola na época era o pintor Luiz Áquila, ele próprio envolvido com o movimento. Essa exposição teve nova edição atualizada, aberta em julho de 2004, no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro. Entre os participantes da exposição do Parque Laje, constam nomes como: Beatriz Milhazes, Leda Catunda, Alex Vallauri, Jorge Guinle, Daniel Senise, Luiz Pizarro, Luiz Zerbini e Leonilson. Fonte: GERAÇÃO 80.

Disponível em: <<http://www.raulmendesilva.pro.br/projetobrasil/pag018.shtml>>. Acesso em: ago. 2009.

**Neoexpressionismo** – Nas décadas de 1970 e 1980, o retorno à arte figurativa tomou um aspecto mais pessoal com o neoexpressionismo. Na Itália, na Alemanha e nos Estados Unidos, os neoexpressionistas usaram as mesmas pinceladas vigorosas dos artistas expressionistas, mas pintaram a forma humana de novas maneiras. Artistas italianos, como Francesco Clemente, Sandro Chia e Enzo Cucchi, exploraram assuntos como a mitologia clássica e outros tópicos ignorados por muito tempo pelo modernismo. Na Alemanha, o neoexpressionismo permitiu que os artistas criassem suas obras a partir de seu passado cultural. As primeiras manifestações do expressionismo no *Die Brücke* e no *Der Blaue Reiter* foram essencialmente alemãs. Ao mesmo tempo, pintores alemães, como Anselm Kiefer e Georg Baselitz, puderam usar a linguagem visual dos primeiros expressionistas para abordar questões difíceis sobre o passado da Alemanha, ignorados por pintores abstratos das décadas anteriores. Os neoexpressionistas americanos Julian Schnabel, Eric Fischl, David Salle e outros usaram a representação figurativa de muitas maneiras diferentes. Fischl representou cenas sinistras da vida nos bairros. Schnabel pintou sobre materiais pouco convencionais, como veludo preto e louça de barro quebrada, e Salle fez referências à obras variadas que iam de pinturas holandesas do século XVII e desenhos animados de Walt Disney até obras expressionistas abstratas. A obra de Salle parecia rejeitar a ideia de originalidade que tinha sido tão importante para os primeiros modernistas. Fonte: ARTE contemporânea. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/artes/artecom6.htm>>. Acesso em: ago. 2009.

**Transvanguarda** – O termo transvanguarda entra no vocabulário artístico com o livro *A transvanguarda italiana*, 1980, de Achille Bonito Oliva, para designar uma tendência da arte italiana exemplificada por artistas como Francesco Clemente, Mimmo Paladino, Enzo Cucchi, Sandro Chia e Nicola de Maria. Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de artes visuais. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/enciclopedia>>. Acesso em: maio 2009.

## Bibliografia

BASBAUM, Ricardo. Pintura dos anos 80: algumas observações críticas. In: \_\_\_\_\_. (Org). *Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. p. 299-317.

CANTON, Katia. *Novíssima arte brasileira: um guia de tendências*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

COLLINS, Rebecca. Seeing our growth as learners: the story of a first-grade teacher and her students. In: MARTIN-KNIEP, Giselle O. *Why am I*

*doing this?*: purposeful teaching through portfolio assessment. Portsmouth: Heinemann, 1998. p. 41-54.

COSTA, Cacilda Teixeira da. *Arte no Brasil 1950-2000: movimentos e meios*. São Paulo: Alameda, 2004.

DE FUSCO, Renato. *História da arte contemporânea*. Lisboa: Presença, 1988.

FICO, Carlos. *O regime militar no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Saraiva, 1999.

McAFEE, Oralie; LEONG, Deborah. *Assessing and guiding young children's development and learning*. Boston: Allyn and Bacon, 1997.

MORAIS, Frederico. *Crônicas de amor à arte*. Rio de Janeiro: Revan, 1995.

\_\_\_\_\_. Anos 80: a pintura resiste. In: BR 80: pintura Brasil década 80. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1991.

NAME, Daniela. Corpo, memória e subjetividade nos anos 80. In: ONDE está você, Geração 80?. Curadoria Marcus de Lontra Costa. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004. p. 15-17.

RODRIGUES, Marly. *A década de 80: Brasil: quando a multidão voltou às praças*. São Paulo: Ática, 2001.

## Webgrafia

**os sites a seguir foram acessados em mar. 2009.**

DÉCADA de 80. Banco de Dados Folha. Acervo de Jornais. Textos de Brasil. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil80lista.htm>>.

DITADURA no Brasil. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/ditadura.htm>>.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de artes visuais. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/enciclopedia>>.

HISTÓRIA contemporânea do Brasil. Centro de Pesquisa e Documentação - Fundação Getúlio Vargas - FGV/CPDOC. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>.

HISTÓRIA. Textos sobre história do Brasil. Historianet, a nossa história. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br>>.

LEDA Catunda. Disponível em: <<http://sergioeleda.sites.uol.com.br/pagina11.html>>.

NUNO Ramos. Disponível em: <<http://www.fortesvilaca.com.br/artista/nuno-ramos>>.

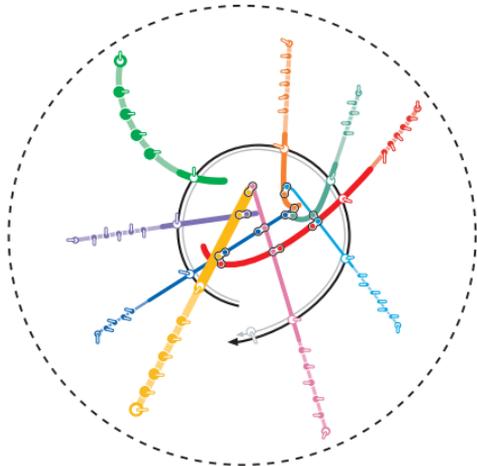
ONDE está você Geração 80. Disponível em: <[www.revistamuseu.com.br/galeria.asp?id=4413](http://www.revistamuseu.com.br/galeria.asp?id=4413)>.

PINTURA. A volta da pintura nos anos 80. Disponível em: <[www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo6/pintura.html](http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo6/pintura.html)>.

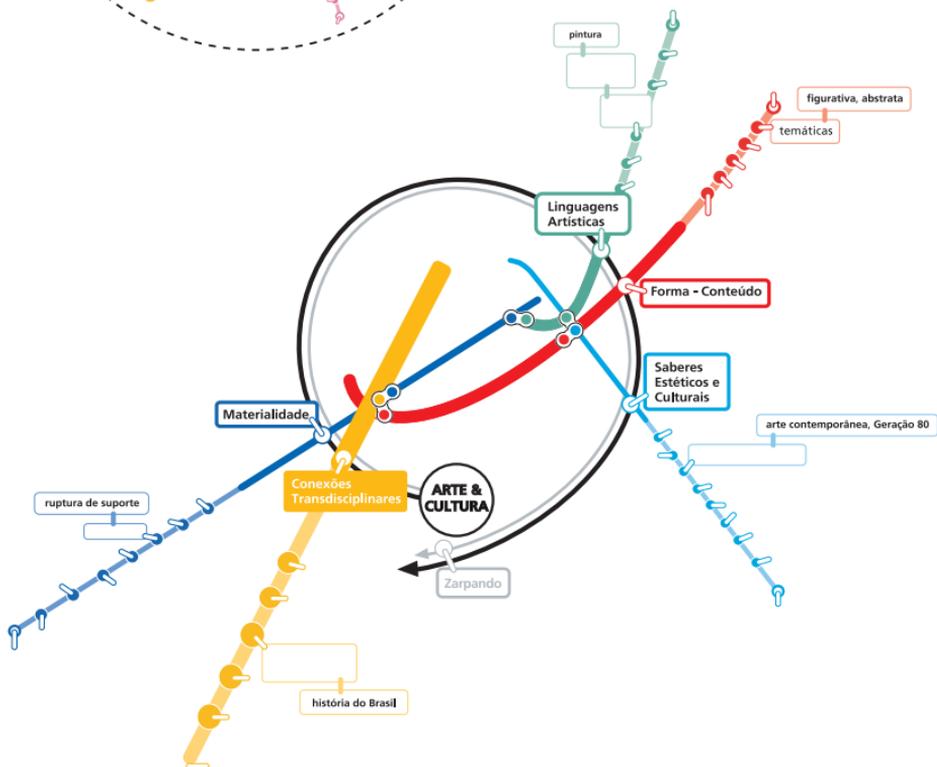
PROJETO Leonilson. Disponível em: <<http://www.projetoleonilson.com.br>>.

## **Filmografia**

TELA s/tinta: Geração 80. Dir. Malu de Martino. São Paulo: Burgos Productions, 1985. 1 DVD (30 min.). Acompanha material educativo para professor-propositor. DVDteca Arte na Escola.



**Mapa potencial**  
**BR80: PINTURA BRASIL**  
**DÉCADA 80**



Patrocínio



Organização



[www.artenaescola.org.br](http://www.artenaescola.org.br)